

Imagem, mulher e preconceito: expressões populares que diminuem o feminino

Yasmin Lima Gomes¹

(Orientador: Prof. Daniel Vieira da Silva²)

Resumo: O artigo busca analisar algumas expressões populares preconceituosas contra a imagem da mulher na sociedade brasileira, baseado principalmente em periódicos datados desde o final do século XIX, até os dias atuais. O trabalho é uma tentativa de demonstrar como o machismo faz uso da linguagem na dominação do feminino, seja por uso direto e grosseiro, ou, por nuances que exigem uma maior atenção para serem percebidas. Dessa forma, não é menos importante explorar como a mulher conquistou espaços e ressignificou termos utilizados para diminuí-la, uma resistência necessária ainda hoje.

Palavras Chave: Mulher, Preconceito, Expressões populares.

Abstract: The article seeks to analyze some prejudiced popular expressions against the image of women in Brazilian society, based mainly on periodicals dated from the late nineteenth century to the present day. The work is an attempt to demonstrate how machismo makes use of language to dominate the feminine, either by direct and crude use, or by nuances that require more attention to be perceived. In this way, it is no less important to explore how women conquered spaces and re-signified terms used to diminish them, a necessary resistance even today.

Keywords: woman, prejudice, popular expressions.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar expressões preconceituosas contra a imagem da mulher e seus significados, por intermédio de jornais e revistas disponibilizados na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (abrev.: BN). O ponto de partida é o próprio uso da linguagem ou a compreensão moldada pelo contexto da sociedade em relação à sua época, bastante sexista. O problema está delimitado em “abordar a língua(gem) exclusivamente sob uma perspectiva normativa (e sua) contribui(ção) para gerar uma série de falsos conceitos e até preconceitos” (FIORIN, 2003, p.19), como é o caso das expressões tratadas aqui. Logo, a metodologia utilizada é a da análise crítica desses inúmeros modos de se referir às mulheres com a intenção direta, ou não, de diminuí-la.

A justificativa deste texto se dá pela afirmação de que o uso da linguagem acaba por perder seu real objetivo de comunicação, se for usada apenas como forma popular de normatizar as palavras com os seus sentidos opostos ou distorcidos, como é o caso da expressão “rainha do lar”. Mesmo após várias conquistas das mulheres em nosso país, em termos de igualdade, o uso de expressões machistas para diminuir a mulher, ainda hoje, não é assunto totalmente superado.

Além da expressão “rainha do lar”, uma referência à limitação ao espaço que as mulheres deveriam ocupar, o artigo faz o levantamento de vários outros termos grosseiros com sentido semelhante, como por exemplo: “Lugar da mulher é na cozinha”; “Lugar de mulher é atrás do tanque”; “Vai pilotar fogão”; “Ô dona Maria”;

¹. Aluna do 3º. ano do Ensino Médio do Colégio Souza Gouveia, São Paulo-SP.

². Professor de filosofia do Colégio Souza Gouveia. Mestre em Ciências da Religião pela UMEP.

dentre outras expressões machistas que ainda assombram nossa sociedade, ou pelo menos parte dela, na insistência de determinar o que as mulheres devem fazer e como devem elas se comportar.

As denúncias e conquistas de vozes femininas, solitárias ou organizadas de diversas maneiras, marcaram e ainda transformam a imagem da mulher em nosso tempo. Entretanto, tudo indica que o pensamento machista não desapareceu, apenas se tornou mais “sutil”, sem declarações abertas como em jornais populares de antes. Por isso, agora é preciso mais atenção para notá-los em recursos proporcionados pela linguagem. Se por um lado este tipo de preconceito não desapareceu, por outro, testemunham que a resistência de mulheres fortes não permitiu que ele prevalecesse.

A “Rainha do lar”

Em 18-04-2016, a revista *Veja* publicou uma reportagem com Marcela Temer, esposa de Michel Temer e então “quase primeira-dama” do país. Até aqui, não haveria nenhum estranhamento, não fosse pelo título da matéria: “Bela, Recatada e do Lar” – motivo de grande repercussão na mídia, especialmente na internet. Muitos entenderam que a revista foi infeliz com o título da reportagem, enquanto vários outros atribuíram à revista uma tentativa de expor um “novo” modelo padrão de sucesso do feminino.

Além de Marcela chamar a atenção por sua beleza e por ser algumas décadas mais nova que o maduro Temer, há em suas palavras um tom de aceitação e orgulho em relacionar exclusivamente suas funções aos cuidados e administração do lar. É no mínimo curioso que em 2016 venha à tona uma expressão que foi consagrada nos jornais do século passado como “rainha do lar”, para determinar e limitar a função da mulher ao espaço doméstico. Seria a imagem da ex-primeira-dama uma volta ao passado ou uma resignificação do termo?

A expressão “rainha do lar” foi bastante utilizada de forma machista para delimitar o lugar da mulher no espaço doméstico. Já em fins do século XIX, encontramos:

(...) a rainha do lar onde ella só governa absolutamente, faz dos homens seus súbditos. Mas não é tudo. Ella não quer ter limites em seu poder, pretende alargal-os e ver augmentar o número de seus súbditos que submete a seus caprichos pelos meios que chamamos fracos, as lagrimas e os sorrisos (“Cherubim”, 20-09-1885).

Alega-se que a mulher teria um poder absoluto, mas só no estreito limite de seu reino: o recinto doméstico (e, como se sabe, até isso estava longe de ser verdade...).

Essas determinações da função da mulher quase sempre foram legitimadas pela educação e pela religião, como por exemplo, a primeira lei escolar do império, proposta por D. Pedro I e publicada em 15 de outubro de 1827, obrigava a separação e restrição do ensino para meninas. Além do núcleo comum dos currículos, os homens poderiam dar ênfase em disciplinas de cálculos úteis para os negócios e finanças, enquanto a opção delas eram aulas relacionadas às funções domésticas, sobre como cuidar corretamente da casa e de seus filhos (WESTIN, 2020). Já a religião, como mostra um periódico cristão da época, validava e popularizava esse pensamento no final do século XIX (e não deixa de ser uma ironia que esse ponto de vista era, então, até considerado moderno):

Nada mais repugnante e triste que uma mulher ingrata para com a religião que de antiga escrava fez della um ser livre e a rainha do lar na sociedade moderna. (...) Ensinar ao povo a ler e a escrever não é educá-lo, é quasi sempre corrompê-lo; para que o povo aproveite da instrução é necessário que uma lei moral lhe dê o discernimento do verdadeiro e do falso, do bem e do mal (“O Apostolo”, 08-07-1898).

O propósito era educá-las para poderem ser as guardiãs do lar, dispensando-as inclusive do domínio da linguagem, já que eram comuns expressões como “a mulher honrada deve ser sempre calada”, ou ainda “mulher que sabe muito é mulher atrapalhada” (FERNANDES, 2019). Excluídas e com suas habilidades menosprezadas, tinham raras oportunidades de aprenderem algo eficiente para saírem desse posto, que para muitos era seu destino natural e não se via necessidade de mudanças.

Outro exemplo – este mais inquietante, pois é do final do século XX (!) –, vem da famosa canção “A rainha do lar” (composta em 1956), que em um dueto dos cantores populares Agnaldo Timóteo e Ângela Maria, alcançou, em 1995, um grande sucesso. Fazia parte do álbum “Obrigado mãe!” uma homenagem a todas as mães. O trecho a seguir exalta o poder ilimitado delas, “dona de tudo” (mas, claro, esse “tudo” fica restrito ao espaço do lar):

Ela é a dona de tudo
Ela é a rainha do lar
Ela vale mais para mim
Que o céu, que a terra, que o mar...

E de fato, na continuação ela não está com roupas finas e elegantes para receber a homenagem, e sim, com um avental sujo, quase como se não fosse possível imaginar a mulher/mãe separada das tarefas domésticas:

Mamãe, mamãe, mamãe
Eu te lembro o chinelo na mão
O avental todo sujo de ovo...

A ardilosa expressão “rainha do lar”, disfarçada de homenagem, quer é impor um imperativo para o comportamento feminino. Um estereótipo exemplificado, ainda na década de 1950, com uma propaganda de panela, como sugestão de presente de Natal para a rainha do lar:

Para o Natal, o presente da mais perfeita beleza Conjunto Rochedo Aristocrata... e a escolha não poderia ser melhor! Veja que maravilha! É também encontrado em tampas douradas e na cor alumínio natural. Os fundos arredondados das panelas facilitam a limpeza. Os pegadores e cabos não queimam as mãos. E há 4 tipos de Conjunto Aristocrata, um para cada família, um para cada orçamento! Neste Natal... presenteie um Conjunto Aristocrata! V. oferece mais conforto, beleza e economia!

Rochedo
— O melhor alumínio do mundo! —

ALUMÍNIO DO BRASIL, S. A.

S. Paulo: L. Paissandu, 51 - 8.º and. • R. de Janeiro: Av. Rio Branco, 57 - 18.º and. • P. Alegre: R. Uruguaí, 155 - 9.º and. Recife: P. do Carmo, 30 - 13.º and.

“Conjunto Rochedo Aristocrata... e a escolha não poderia ser melhor!” (Manchete, RJ, 1958). Esse presente considerado ideal para as mulheres, reafirma que o âmbito delas era a cozinha. Era raro a desassociação das utilidades necessárias para casa e as requeridas pela mulher, dentro de uma sociedade quase toda machista que vinculava uma coisa à outra. O desmerecimento das habilidades femininas está presente quando se é notado que na época já existiam mulheres fora desses lugares impostos, ainda sim, sob uma perspectiva sexista, muitas as viam situadas apenas no domicílio, o que reforçava a ideia de que não importava o quanto se esforçassem para mudar esse quadro, tudo acabava na cozinha, lugar onde recebiam as “devidas” homenagens e presentes.

As mulheres não só tinham como obrigação os afazeres da casa, como também padrões de comportamento para com os outros, principalmente para com seus maridos. Dependiam da vontade do pai e depois de seu marido, excluída de poderes e direitos. Entretanto, o tratamento recíproco não era imposto para os homens: não se cogitava, por exemplo de homens se cuidarem para agradar suas esposas (o que poderia ser considerado um ato de submissão) e, especialmente, não viam a fidelidade como um requisito necessário para o marido. Essas diferenças de comportamentos demonstram que a submissão estava muito arraigada na sociedade porque era “naturalmente” vigente para todos: homens são assim e mulheres têm que ser de outro jeito. Trata-se de uma condição vista como natural pelos homens e pela maioria das mulheres doutrinadas ao modo “certo” de se viver: totalmente submissas.

O “cabeça do casal” ou sobre o que as mulheres deveriam ser/fazer

Sobre essa tensão entre as funções designadas e as de fato desejadas e ocupadas pelas mulheres no começo do século passado, destacam-se ações e características recomendáveis que o “Jornal das moças”, uma revista quinzenal ilustrada, que foi criada (em 1914) com o intuito de deleitar o espírito das “patricias” através de contos infantis, moda, romances e conhecimentos para adquirir a mais bela feição. Em uma matéria “*O que a mulher deveria ser*” (RJ, 21- 05 -1914) foram expostas 18 prescrições práticas para se portarem adequadamente para conquistar ou manter um casamento, como, por exemplo: buscar sempre cortejar o marido; se colocar à disposição para cumprir as necessidades dele; não dispensar muitos pretendentes, pois podem se exaurir; não se casar com filósofos, já que esses possuem mania de se analisar tudo. E daí para pior! Mas praticamente todas as recomendações eram baseadas no serviço e na satisfação de seu companheiro.

Ainda sobre o dever das mulheres, “Faça o seu marido feliz” é o título de um quadro transcrito na edição do “Jornal do Rio” de 16 de março de 1961. Traz “*Dez tesouros das donas de casa*”, e não para por aí, a introdução é uma explicação da razão da infelicidade feminina:

Muitas mulheres são infelizes e não sabem porque. Os maridos não param em casa, deixando-as sós, e quando saem juntos o passeio torna-se um martírio tanto para um como para o outro. Por quê? Uma psicóloga conhecedora de alma masculina alega os seguintes motivos, em um estudo bastante interessante: toda mulher deverá ler e reler, pensar e repensar (Jornal do Rio, RJ, 1961).

Diante dessa propaganda (quase irresistível!), vale a pena destacar alguns desse “tesouros” que garantiam a felicidade feminina, ou melhor, de seus maridos:

- 1- Você esquece de que deve confiar nele, e passa a acreditar em todas as histórias que as “amigas da onça” lhe contam
- 2- De uma hora para outra você resolve ser “cabeça do casal”. Fala num tom autoritário e quer que sua vontade prevaleça sempre.
- 7- Pede-lhe dinheiro constantemente sem ao menos dizer em que pretende empregá-lo
- 8- Usa na intimidade do lar vestidos velhos e bem surrados. Não cuida do cabelo e da “maquillage” quando não espera visitas.
- 9- Não procura compreender que nem sempre o “sofredor” tem tempo para sutilezas e detalhezinhos que a deixariam lisonjeada” (Idem).

Nesses conselhos reproduzidos pelo referido jornal, é explícita a docilidade do comportamento feminino sugerido como um verdadeiro manual de conduta feminina “*Tesouro da Dona de Casa*”, livro de autoria de Helena de Lichterfeld, cujo diagnóstico principal são as razões da infelicidade feminina. A expectativa de como a mulher deveria se comportar, desde o modo de se vestir, inclusive no lar, é aconselhado que não deveria usar roupas “surradas”, e sim, permanecer bem-apresentada independentemente das situações. Os pontos estabelecem a submissão como condição a ser totalmente aceita, devendo confiar cegamente em seu parceiro, sem exercer sua vontade própria, para evitar discussões ou a perda dele para outra mulher. Parece até um tipo de investimento ou uma blindagem do casamento, um dos tantos manuais nesse sentido da época que expressam claramente a submissão da mulher, também como ela precisa ser totalmente dependente e sujeita ao “cabeça do casal”, alcançando a condição de mulher exemplar.

Essa função de apoio ao marido como prioridade ou função primeira feminina no começo do século passado pode ser confirmada em diversos jornais da época, que retratam sobretudo o pensamento popular de então. Afirmações imperativas determinantes no papel social feminino também eram apoiadas legalmente quando apontavam o marido como o “cabeça do casal” que, por uma lucidez tardia, seria alterada na Constituição de 1988.

No Código Civil de 1916 a mulher casada não possuía autonomia legal. Isso resultava, dentre outras coisas, na necessária autorização de seu parceiro para a manutenção de comércio, ou para exercer qualquer categoria de trabalho, que não fosse o direcionado ao doméstico.

O Código Civil de 1916, ao seu turno, regradando de forma separada os efeitos do casamento para o marido e para a mulher, também demonstra uma mítica subserviência feminina. Veja-se que pelo art. 233 o marido era o cabeça do casal, representante legal da família e, portanto, remonta à ideia do chefe da caverna, tanto que a partir dele fixa-se o domicílio. Já a mulher é considerada apenas o apêndice para a administração doméstica. (MARTINS *apud* TIAGO).

O efeito do casamento sobre a mulher dá uma ideia de “apêndice”; “complemento” e “subserviência” feminina ao “cabeça do casal”, o homem. Na prática, o código impedia a mulher de participar ativamente da vida civil sem a autorização expressa do marido. Era o homem o cabeça do casal e tinha poderes de direção sobre a família, enquanto a mulher deveria se submeter a suas decisões.

Um avanço foi a publicação do Estatuto da Mulher Casada em 1962 (Lei 4.121/62), que revogou 14 artigos do Código Civil, os quais mantinham a mulher em posição de dependência e inferioridade perante o marido, situando sua posição, na

relação do casal, para além da administração do lar (TIAGO, 2019). Embora o papel de protagonista recaia sobre o homem, permanecendo ainda como o cabeça do casal, essa iniciativa legal foi um marco para as conquistas da mulher casada rumo à igualdade na relação com o seu marido.

É apenas na Constituição de 1988 que homens e mulheres foram legalmente considerados iguais para todos os fins, principalmente em relação à tutela da família. A lei deixou todos os dispositivos do Código Civil que diferenciavam os homens das mulheres sem sustentação jurídica, prevalecendo a igualdade entre os cidadãos e cidadãs, ao invés das especificações de gênero. Isso vedava as diferenciações arbitrárias e absurdas direcionadas a mulher e que, implicitamente, tinham por finalidade, limitar a atuação de autoridade pública em prol de um particular injusto, a condição de submissão jurídica da mulher.

Dada as modificações da constituição de 1988 sobre o papel da mulher, “O Estado de S. Paulo” publicou na ocasião, uma reportagem sobre as mudanças implicadas na declaração do imposto de renda:

Quem é casado em comunhão universal ou parcial de bens tem mais alternativas para a declaração deste ano. A vantagem obtida via Constituição – que eliminou a figura do cabeça-do-casal – é que a mulher pode lançar em sua declaração feita em separado os rendimentos comuns do casal (06.05.1989).

Nesse contexto, uma matéria com um sugestivo título e uma imagem que dispensa comentários merece destaque:



**Agora a
mulher já é
cabeça de casal**

Ao lado da conquista da igualdade garantida por lei, outro campo de luta feminina é o próprio cotidiano que se utiliza de recursos explícitos (e outros nem tanto) para a perpetuação de preconceitos, o que se evidencia nas frequentes expressões utilizadas com o propósito de diminuir a mulher, ao mesmo tempo em que impõe a suposta superioridade masculina.

Mulheres no trânsito e em outros lugares

O preconceito contra as mulheres no volante pode estar relacionado a uma sociedade machista, que resiste à autonomia feminina fora do ambiente doméstico. As expressões cunhadas com conotações pejorativas apontam para o despeito de homens, ou, pelo menos de alguns, incomodados com a mulher participando da liberdade e independência simbolizadas pelo carro.

“Mulher no volante, perigo constante!”

Essa é uma expressão antigamente muito difundida e sempre desmentida não só pelas estatísticas, mas até pelas Apólices de Seguro de Automóveis, já que, nelas, as mulheres são classificadas como detalhistas, exigentes e cuidadosas. Iraci Santos é uma prova dessa contradição. Após ser cobradora de ônibus por seis anos, ela decidiu se tornar motorista. Ela relata com humor, em uma entrevista, os desafios de ser mulher no trânsito. “No primeiro dia, tremi junto com o motor. Mas agora já estou tão acostumada com carro grande que minha dificuldade passou a ser estacionar meu carrinho – brinca” (Jornal do Brasil, RJ, 05-03-2005).

Em 29-9-1988 o “Jornal do Brasil” fez uma reportagem sobre as raras mulheres taxistas e os preconceitos por elas enfrentados. Ângela Rocha (42), uma das mulheres entrevistadas, relata um episódio em que “foi acordada no meio da madrugada para apanhar um cliente numa termas. Ao se deparar com ela no volante, o cliente assustado exclamou: ‘Uma mulher!?’ Ângela, rápido, retrucou: ‘Não, uma profissional’”. Uma demonstração do respeito que teve de ser conquistado entre os passageiros e os mais de 2000 colegas homens na época. Histórias como as da Ângela e da Iraci demonstram o fato de serem infundados os preconceitos que por vezes assumem o caráter de verdade absoluta no senso comum.

“Vai pilotar fogão!”

O protagonismo das mulheres no trânsito foi tema central da campanha criada recentemente pela montadora de carros Chevrolet. A empresa criou uma peça de publicidade com o intuito de abordar as barreiras que às mulheres ultrapassam, principalmente no trânsito. Assim, ressignificou a expressão “vai pilotar fogão”, utilizada no anúncio como uma ofensa por uma manobra errada feita. O vídeo expõe diversas mulheres que pilotam muito mais que o fogão em suas vidas, como a surfista e campeã brasileira Yanca Costa, a piloto de avião Helena Lacerda, entre outras. O comercial deixa claro a mensagem que as mulheres devem pilotar o que bem entenderem, inclusive o fogão! Palavras avalizadas por uma das principais chefs do país: Paola Carosella.

“Ô, dona Maria!”

Os preconceitos nem sempre são tão explícitos e grosseiros como essas referências diretas. É o caso da expressão “Ô, dona Maria”, construída a partir do nome próprio que, simultaneamente, singulariza e generaliza a referência às mulheres quando cometem alguma infração. Com ela, se subtrai a identidade e a personalidade, como se todas mulheres fossem iguais; logo, basta que uma mulher “faça ou não faça” algo no trânsito, para que a expressão “Ô, dona Maria” seja invocada.

Lugar de mulher é...

Além dessas expressões utilizadas no trânsito, segue várias outras relacionadas, cujo objetivo é, mais uma vez, delimitar o espaço ocupado pelo feminino.

“Lugar de mulher é na cozinha!”

Essa expressão aponta o lugar de menos valia que a mulher deve ocupar. A antiga fórmula “a conversa ainda não chegou na cozinha” tinha o objetivo de desqualificar e impedir a mulher de expressar sua opinião: “A Lindoca dirigiu-se

amalmente ao Josino, tão candida, tão delicada, está vendo? e elle lhe gritou que a conversa ainda não chegou na cosinha” (Vida Doméstica, RJ, Fevereiro 1936).

Originalmente os serviços domésticos eram exercidos predominantemente pelas mulheres negras, enquanto a principal função das patroas na residência era o de estabelecer a ordem e o bom funcionamento do lar. Inibir o direito de fala e opinião da mulher também é tentar determinar o seu lugar.

Falar sobre posições ocupadas pelas mulheres na sociedade brasileira, inclusive na política, também é refletir sobre quando isso começou a ser possível. E ainda na primeira metade do século XIX, algumas mulheres ousariam discutir sobre isso:

Assim, um artigo de 23-3-1839 de “O Carapuceiro”, referindo-se à novidade de moças que se graduam “nas Sciencias Juridicas e Sociaes” etc., lamenta (com um machismo ainda presente hoje em dia!) a (má) sorte dos maridos de mulher “que em vez de cuidar do arranjo da casa, em coser, remendar etc. etc.”, desbarata o precioso tempo em papear sobre assumptos políticos (LAUAND, 2021, p.32).

Talvez o mais interessante nesse relato não seja o previsível ressentimento machista, mas o empenho e a audácia de algumas mulheres em resistir corajosamente (embora a maioria das mulheres parecessem conformar-se com sua condição subordinada), e ainda a criação de espaços para a fala feminina.

“Lugar de mulher é no lar!”

A mulher é a “rainha do lar”; seu domínio limita-se ao seu domicílio com total disponibilidade para o marido e para seus filhos. Entretanto, as diversas conquistas dos trabalhadores (majoritariamente homens) ao longo de décadas começaram a ser compartilhadas pelas mulheres, que ingressavam no mercado de trabalho para buscar o equilíbrio econômico familiar. Mesmo com essas inovações as trabalhadoras ainda eram malvistas pela sociedade, inclusive por outras mulheres, como Augusta Maria, consultora feminina da revista “O Cruzeiro” relata:

[Consulente]: “...ele acha que o lugar da mulher é no lar...”

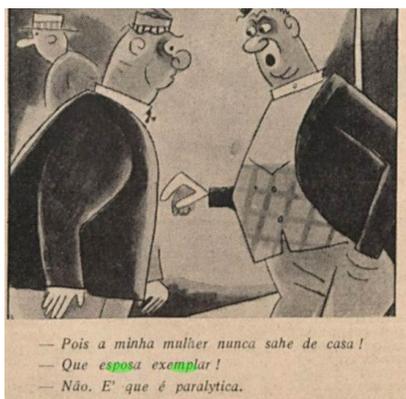
[Consultora] No que está certo, desde que possa dar à esposa todo o conforto. Creio, portanto, que só terá vantagens abandonando o pequeno emprego que tem presentemente, para ficar em casa, pensando nos garotos, etc. (O Cruzeiro, RJ, 30 de Outubro de 1943).

Para a então representante da voz feminina a condição imposta “do lar” não é um problema, até mesmo abandonar um emprego sem muito valor, desde que o marido tenha condição de prover o seu conforto. E, até como uma forma de “consolo”, ela agora usa o seu tempo ocioso para pensar “nos garotos”.

“Lugar de mulher é em casa!”

Os preconceitos estão firmados até mesmo naquelas que são vítimas deles, como foi mostrado em uma pesquisa do Instituto Francês de Opinião Pública, relatada pela revista “O Cruzeiro” em 1947, a qual verifica que 71% de toda a população da França acredita que o lugar de mulher é em casa (O Cruzeiro, RJ, 10.10.1947). As mulheres coletivamente fizeram avanços em termos de participação na sociedade, entretanto, ainda há barreiras ideológicas carregadas inclusive pelo pensamento

feminino. São julgamentos fortalecidos pela educação recebida durante a vida, e que tendem a reproduzir a cultura de cada época.



(O Malho 7-05-1932)

“Lugar de mulher é na cama!”

Uma batalha dos sexos:

Durante semanas, Billie Jean King e Bobby Riggs trocaram provocações através de entrevistas. Ele repetia que lugar de mulher é na cama e na cozinha, enquanto ela prometia calar a boca do velhaco. E a partida de tênis serviria para provar qual o sexo forte. No entanto, o jogo se transformou na promoção do ano. No fim, Billie venceu a partida e Bobby ganhou milhares de dólares (Wikipédia).

No dia 20 de setembro de 1973, ocorreu uma partida amistosa de tênis entre atletas de sexos opostos, classificada como a famosa “Batalha dos Sexos”. Defensora dos direitos femininos, Billie Jean King venceu o famoso tenista Bobby Riggs, o que a tornou um símbolo de resistência contra o machismo no esporte. As mulheres convivem com constantes comparações em relação aos homens, e não é raro serem rotuladas como inferiores, seja de forma direta ou não. Essas acusações algumas vezes são superadas, por exemplo, quando uma mulher consegue de fato vencer em uma “batalha dos sexos”, ainda assim, nesse caso, a visibilidade do evento e o protagonismo foi direcionado para Riggs, inclusive com direito a receber um prêmio em dinheiro muito maior que Billie King, mesmo tendo perdido a partida.

“Lugar de mulher é atrás do tanque!”

**LUGAR DE MULHER
É ATRÁS DO TANQUE.
DE MARMANJO, TAMBÉM.**

Os tanques do Exército Brasileiro começam a troar os canhões para mulheres e para homens, que serão OFICIAIS DO QUADRO COMPLEMENTAR DO EXÉRCITO. A idade-limite é de 36 anos. As profissões são ótimas: Professores e Professoras, Advogados e Advogadas, Informáticos e Informáticas, e outros cobras dos ramos de Economia, Administração, Ciências Contábeis, Estatística, Enfermagem e Veterinária. Venha pra trás do tanque e passe a limpo a qualidade de vida. Aliste-se no TAMANDARÉ.

(Jornal dos Sports, RJ, 09.08.1992)

O anúncio do Exército Brasileiro ao divulgar a possibilidade de homens e mulheres ingressarem no quadro dos oficiais em diversas profissões, não causaria nenhum estranhamento, não fosse pelo péssimo gosto do trocadilho do título. Mesmo quando há a abertura para a mulher fazer parte de uma área predominantemente masculina, não se perde a oportunidade de diminuir o feminino por meio da ironia e polissemia da palavra “tanque”.

“Mulher” como interlocutório pessoal e mulher “propriedade”³

Uma curiosidade dos preconceitos contra o feminino pode ser encontrada por meio de uma peculiaridade da língua alemã, ou melhor, da palavra para mulher como coisa e propriedade.

Mesmo o preconceito acha seus caminhos refinados, como mostra o mesmo Mariás (Mariás, 2001), desta vez falando da língua alemã: Dá-se um fato curioso no alemão: a antiga palavra para mulher, Weib – Frau não, Frau é uma palavra feminina – é neutra: das Weib, mulher neutro. Do mesmo modo que se usa o neutro para o diminutivo – por exemplo, moça, Mädchen é das Mädchen – ou ainda em das Pferd, cavalo. E é que são coisas que se tem em propriedade: afinal, a mulher, das Weib, das Mädchen, das Fräulein, das Kind, a criança também é indistinta em gênero... São neutros. Por que neutros? Porque são considerados propriedades, isto é, a vivência primária com relação à mulher, à moça, à criança é a de propriedade. É, diríamos, um arcaísmo social que está na língua (MARIAS *apud* LAUAND, 2009).

Já o interlocutório pessoal pode ser um “substantivo e/ou locução substantiva que equivalem a um pronome pessoal (tu ou você) ou a um pronome de tratamento (o senhor, a senhora etc.), usados na presença do interlocutor: A patroa quer estacionar?” (Michaelis). Entre nós, “Homem”, como interlocutório pessoal é usado para convocar no interlocutor qualidades tidas como masculinas:

“Coragem, força, determinação, vigor sexual” (Houaiss).

“Homem, não desanime, você vai superar isso!”

“Homem, não chore, nem tudo está perdido!”

“Homem, coragem, não vá levar desaforo para casa!”

Já, “mulher”, como interlocutório pessoal, pode ganhar outro sentido, usado para advertir e corrigir ações femininas:

“Estamos muito atrasados para a festa. Quando você vai acabar essa maquiagem, Mulher!”

“Já compramos o que tínhamos que comprar, o que mais você ainda quer ver nesta loja, Mulher?”

“Dá para se acalmar, Mulher?”

³ Esses dois temas foram originalmente desenvolvidos respectivamente por Julián Mariás e Jean Lauand indicados na Bibliografia. Foi de grande contribuição para o trabalho trazer essas referências temáticas desenvolvidas na pesquisa e preservá-las quase que totalmente nas citações.

“O que mais você quer que eu faça, mulher?”

“O que tanto você se mete na vida dos outros, mulher?”

“Para de fazer escândalo, Mulher”

“Desliga esse telefone, mulher, você já está aí há uma hora e meia!”
(LAUAND, 2016).

O preconceito contra a mulher, infelizmente, não se limita apenas às expressões ou atitudes, mas também, a maneira como algo é dito. O jeito como uma frase é enunciada pode diminuir, colocar para baixo ou até mesmo fazer a outra pessoa se sentir culpada. Isso é perceptível na forma agressiva de se responder, de cara fechada, ou em um tom de ameaça, mesmo que as palavras utilizadas não tenham demonstrado isso. No caso do interlocutório pessoal, uma simples entonação da voz e a posição da palavra na “frase”, pode ser utilizada contra a mulher, um uso totalmente inverso ao do correspondente “homem”.

Por fim, expressões de preconceito contra a mulher, podem ser grosseiras, ou, podem ser sutis, mas ambas são preconceituosas e igualmente perigosas.

Considerações Finais:

Este trabalho pretendeu elencar e discutir algumas expressões populares que diminuem o feminino, a partir de jornais do século passado, seja por denúncia ou como esperança de uma colaboração para que o seu uso pare de ser normatizado. Infelizmente, apesar de algumas conquistas no sentido do reconhecimento da igualdade e da dignidade dos gêneros – profissional, econômica, política e social – é evidente que ainda há um longo caminho a percorrer. E – hoje como ontem – um dos importantes componentes desse caminho de conquistas está na linguagem.

Referências bibliográficas

BIBLIOTECA NACIONAL – Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 4 jun. 2022.

FERNANDES, Fernanda. A história da educação feminina. 2019. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina>>. Acesso em: 27 fev. 2022.

FIORIN, José Luiz (org). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2003.

LAUAND, Jean. Origem e significado de algumas expressões brasileiras. **Revista Internacional d'Humanitats**, Série Coepta n. 6. Ano XXIV, n. 52, maio-ago, p.29-38, 2021.

_____. Ensino: da Gramática à Filosofia. **Revista Notandum Libro**, CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto, n.12, p.59-64, 2009.

_____. *Revelando a Linguagem: 50 estudos na revista Língua Portuguesa (2005-2015)*. São Paulo: Factash, 2016. Pdf. Disponível em: <http://www2.fe.usp.br/~cemoroc/RevelandoaLingPort.pdf>. Acesso em: 03.06.2022.

O ESTADO DE S. PAULO, Acervo. *Especial*, p.85. Maio de 1989. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19890506-35033-nac-0085-epl-3-not/busca/cabe%C3%A7a+casal>> Acesso em 15 maio 2022.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família. Fundação Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura, 2009. Disponível em https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao//josefina-alvares-azevedo-voz-feminina-seculo-xix-atraves//karine_da_rocha.pdf

TIAGO, Leandra Chaves. **Direitos fundamentais das profissionais do sexo**: entre a invisibilidade e o reconhecimento. São Paulo: Dialética, 2019. *E-book*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=U70TEAAAQBAJ&pg=PT128&lpg=PT128&dq=%22marido+era+o+cabe%C3%A7a+do+casal%22&source=bl&ots=ox1L5xHLkK&sig=ACfU3U15RVZJsV6D4j4HXP0PB2tv5BUX7A&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiti-SfkKX3AhVZIZUCHc8ABTQQ6AF6BAgVEAM#v=onepage&q=%22marido%20era%20o%20cabe%C3%A7a%20do%20casal%22&f=false>> Acesso em: 03 jun. 2022.

VEJA, Portal. *Bela, recatada e do lar*. 2016. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>> Acesso em: 08 mar 2022.

WESTIN, Ricardo. Para lei escolar do Império, meninas tinham menos capacidade intelectual que meninos. Agência Senado, Arquivo S, Ed. 65, Educação, 2020.

WIKIPÉDIA. Batalha do Sexos. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_dos_Sexos. Acesso em: 05.05.22.

Recebido para publicação em 02-06-22; aceito em 14-07-22